
Lições de Luiz Beltrão: modos de fazer ciência na Folkcomunicação¹

Guilherme Moreira FERNANDES²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

Este ensaio metacientífico parte das pesquisas de Luiz Beltrão (LB) no âmbito da Folkcomunicação para perceber quais são os elementos metódicos que constituem as pesquisas em folkcomunicação. Tornam-se objetos de estudos três publicações: 1) tese de doutoramento (BELTRÃO, 2001); 2) livro – Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados (BELTRÃO, 1980); 3) – projetos de Iniciação Científica (BELTRÃO, 1983b), que são analisadas pelas referências utilizadas nas distintas instâncias de pesquisas, como observam Lopes (1994) e Barbosa (2020). Como conclusão, sinalizamos para a presença de oito elementos metódicos para operar as pesquisas em folkcomunicação.

Palavras-chave: Teoria da Folkcomunicação; Pesquisa em Folkcomunicação; Epistemologia da Comunicação; Estudos Latino-americanos de Comunicação; Metaciência.

Introdução

Desde minha primeira participação como expositor do GP Folkcomunicação da Intercom, ocorrida em 2010, venho apresentando discussões de cunho teórico-metodológico buscando entender o lugar da Folkcomunicação no âmbito das Teorias da Comunicação. As primeiras pesquisas se propunham a realizar diálogos com teóricos culturalistas, seja no âmbito do pensamento inglês, como na América Latina. Sob forte influência da proposta das Jornadas Beltranianas (evento criado pelo professor José Marques de Melo, promovido pela Intercom e pela Rede Folkcom com o objetivo de apresentar leituras possíveis da obra de Luiz Beltrão) passei a fazer estudos sistemáticos sobre os vestígios deixados por LB para entender a natureza da Folkcomunicação na sociedade contemporânea.

1 Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Folkcomunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

2 Professor Adjunto do CAHL/UFRB. Professor permanente do PPGCOM/UFRB. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Jornalista e Mestre em Comunicação pela UFJF. Presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br.

A observação se inicia em 2017, com a comunicação apresentada no XVIII Folkcom, quando expunha os problemas teóricos da Folkcomunicação focando na amplitude do conceito que se expande para outras possibilidades em virtude na contemporaneidade marcada por uma nova forma de vida, o que Sodré (2002) denomina de bios midiático. No âmbito da Folkcomunicação, se observa os movimentos atualizadores, o que Benjamin (2000) passou a chamar de “nova abrangência da Folkcomunicação”. Ressaltamos a importância das teses de doutoramento de Amphilo (2010) e Aragão (2017) que produziram estudos sobre as características da produção científica de LB e de seu modo próprio de produzir ciência na perspectiva da Comunicação (FERNANDES, 2017).

Na sequência comecei a refletir na dualidade da Folkcomunicação, que se apresenta tanto como teoria como na forma de sistema de comunicação, cuja mensagem pode ir de encontro aos preceitos cidadãos e democráticos que direcionam o olhar sobre o objeto refletido (FERNANDES, 2019; FERNANDES, 2020a). Em outro momento, direcionando o olhar para a Folkcomunicação como teoria, propus o sentido de resistência como eixo axial ao formular a noção de práxis folkcomunicacional (FERNANDES, 2020b; FERNANDES, 2022; FERNANDES, SANTANA, WOITOWICZ, 2022). Fechando o ciclo teórico, indicamos que as noções de folclore, marginalidade e comunicação artesanal e horizontal, inseridos na acepção teórica da dinâmica do folclore de Edison Carneiro, da marginalidade defendida pela Escola de Chicago, e a comunicação cidadã da Escola Latino-americana de Comunicação, são chaves para o direcionamento das pesquisas em Folkcomunicação (FERNANDES, WOITOWICZ, 2022).

Para fechar esse ciclo, o texto que apresentamos busca perceber o comportamento metodológico de LB e pode ser entendido como um movimento de síntese do conjunto de reflexões anteriormente debatidas neste GP. O mote inicial para este movimento conclusivo de pesquisas centradas na obra de LB, partiu do convite que recebi da Socicom (Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação) para participação na mesa “(Re)concepção epistemológica da ciência frente às culturas populares e a ancestralidade. Qual o papel da pesquisa brasileira?”, atividade da 75ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

Este texto estuda o “desenho metodológico” das pesquisas desenvolvidas (BELTRÃO, 2001; 1980) e sumarizadas (BELTRÃO, 1983b) pelo criador de disciplina, procurando estabelecer um protocolo metodológico que sirva para os estudos que envolvam às culturas populares e a ancestralidade em seus aspectos comunicativos. O estudo considera pesquisas anteriores, desenvolvidas no âmbito de Programas de Pós-graduação em Comunicação, que se debruçaram em entender as obras folkcomunicacionais de Luiz Beltrão, como é o caso das teses de Amphilo (2010) e Aragão (2017) e a dissertação de Martins (2014). Se realiza uma análise a partir das instâncias metódica e técnica conforme definição de Lopes (1994) e descrição de Barbosa (2020).

Articulação entre os tipos de conhecimento: Fase epistemológica

Ao refletir a concepção epistemológica da ciência na contemporaneidade, inicialmente tem-se que pensar a ciência articulada a outras formas de produção de conhecimento. Assim, o conhecimento científico se inter-relaciona com o conhecimento filosófico, o conhecimento religioso e o conhecimento popular. De forma específica, a acepção epistemológica baliza-se pela ciência empírica de natureza social, condição que assume a Comunicação ao se apresentar, conforme Sodré (2014), como a ciência do comum. Sendo assim, o primeiro ponto que se parte é a afirmação de que a Comunicação é uma ciência pós-disciplinar. Desta forma, a nossa produção de conhecimento científico não está atrelada a uma condição disciplinar na acepção de um método e um objeto específicos de estudo como acontece com outras disciplinas sociais e humanas como a Sociologia, a Antropologia e a História.

A Folkcomunicação, por sua vez, se caracteriza como um campo da Comunicação e se materializa como teoria dentro da midiatização como conceito de uma nova forma de vida. As pesquisas desenvolvidas pela Rede Folkcom, entidade científica em atuação desde 1998, não se propõem a desenvolver um conhecimento epistemológico próprio, ou seja, dissociar a episteme da Comunicação de uma (possível) episteme da Folkcomunicação que traria como diferencial o conhecimento científico do Folclore e sua possível autonomia frente a disciplinas consolidadas como a Sociologia (FERNANDES; SANTANA, 2020).

É necessário considerar a escolha de Luiz Beltrão em submeter uma tese a uma banca de especialistas e requerer o título de doutor em Comunicação (BENJAMIN, 1998), se tornando o primeiro no Brasil, como significante de ancoragem no campo disciplinar da Comunicação. A natureza pós-disciplinar da Comunicação – não refletida em termos epistemológicos – foi *pari passu* ao “desenho metodológico” utilizado para construção da tese e, logo, como método de pesquisa em folkcomunicação. No entanto, a teoria não se fecha a um único método. Ainda que não se tenha mensurado dados, abordagens dialéticas, estruturalistas e fenomenológicas coexistem nas pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação em Comunicação nos últimos anos (SANTANA; FERNANDES, 2021). Paradigmas outros igualmente são utilizados e já vencemos a etapa de demonstrar aproximações e diálogos com o pensamento de Luiz Beltrão, como se tivéssemos que ficar a todo momento demonstrando a relevância, originalidade e atualidade de sua obra, antecipadora de correntes teóricas advindas do exterior e com ampla aceitação nas pesquisas brasileiras (MARQUES DE MELO, 2008).

A Comunicação é uma nova ciência e seu caráter pós-disciplinar nos permite pensar em entre-lugares e entre-campos. No Brasil, relações da Comunicação com a História, Ciências Políticas, Economia, Antropologia, Letras, Artes, Museologia, Geografia, Arquitetura, Psicologia, Ciência Agrária e, mais notavelmente a Sociologia, já podem ser consideradas porto seguro. O objeto de estudo não é o suficiente para afirmar se dada pesquisa é ou não pesquisa em Comunicação, a definição recai a partir do problema de pesquisa (MARTINO, 2018).

A folkcomunicação, enquanto sistema próprio e dotado de uma sensibilidade específica, da mesma forma que demais meios de comunicação, são objetos de pesquisa que podem ser estudados com as especificidades de outras áreas do saber. É no entendimento que a Folkcomunicação é sinônimo da folk media (ou mídia folk) que o campo do saber da Comunicação não é acionado ao debate. Não se problematiza a qualidade dessas pesquisas, apenas se observa que elas foram articuladas em outro campo de saber (FERNANDES, 2020a).

Enquanto teoria, a Folkcomunicação, da mesma forma que as pesquisas latino-americanas da comunicação desenvolvidas no curso dos anos 1970, tem natureza contra-hegemônica em oposição a um sistema de comunicação dominante. Em termos de meios e audiências, a teoria abarca a necessidade da percepção de três elementos

basilares: a) folclore ou comunicação popular; b) marginalidade; c) comunicação artesanal e horizontal (FERNANDES; WOITOWICZ, 2022). Quando o ponto de observação é o sentido da mensagem, o fator a ser articulado é o de resistência às estruturas que provocam opressão (FERNANDES; SANTANA; WOITOWICZ, 2022).

A tese de Luiz Beltrão: evidência no campo da Comunicação

A primeira pesquisa analisada é a tese de doutoramento, desenvolvida entre 1959 e 1967. Com o título “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, Luiz Beltrão (2001) dividiu os capítulos em duas partes. A primeira é “Teoria da Folkcomunicação: Fundamentos teóricos e metodológicos” dividida em quatro capítulos: 1) Instrumentos e efeitos da comunicação coletiva; 2) Dicotomia ético-cultural: elites e massa; 3) O líder de opinião; 4) Folkcomunicação: o intercâmbio de mensagens. A segunda parte “Pesquisa de Folkcomunicação” foi dividida em seis capítulos, subdivididos, assim têm-se: 1) Comunicação no Brasil pré-cabralino; 2) Comunicação no Brasil colonial; 3) Folkcomunicação: manifestações e veículos no Brasil; 4) A informação oral; 5) A informação escrita; 6) Folkcomunicação opinativa.

Como conclusão, se percebe que Beltrão (2001) traz a concepção de tempo de longa duração para perceber que embora os veículos de comunicação, independente da tecnologia utilizada, surjam com o decorrer do tempo histórico, formas de (folk)comunicar sempre estiveram presentes. A diferença com os demais veículos de comunicação e informação é o sentido da mensagem que não é destinada a todos (a uma massa), mas a um público específico que detém repertório cultural similar e realiza a decodificação das mensagens de forma distinta, além de produzir seus próprios meios.

O fato da observação ser centrada basicamente em dois estados (Pernambuco e Paraíba), ao contrário de reduzir a aplicabilidade da teoria, reconhece o sentido das especificidades do local/território de produção como determinantes do consumo. Longe de querer restringir as possibilidades folkcomunicacionais àquelas que foram fruto de descrição exploratória. Dado que o problema de pesquisa era o de perceber como as pessoas que não têm acesso aos veículos ortodoxos de comunicação jornalística se informam e manifestam sua opinião, Beltrão demonstrou a existência de centros de informações e meios de expressão próprios e dotados de sentidos específicos. Nas palavras do autor:

As pesquisas e conclusões da minha tese, apresentada à Universidade de Brasília em 1967, na qual expunha, teorizava, demonstra com exemplos recolhidos e, afinal, cunhava o nome do fenômeno comunicacional característico das camadas da nossa população privadas, por diversas circunstâncias, do acesso aos meios utilizados pelos grupos hegemônicos da sociedade, integrados no processo civilizatório dominante (BELTRÃO, 1983a, p. 71).

O interesse pela folkcomunicação continuou e LB passou a centrar-se nos usuários do sistema. Tal reflexão foi expressa no livro “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” com pesquisas empíricas desenvolvidas no Distrito Federal.

A audiência da Folkcomunicação: a última pesquisa publicada

A segunda pesquisa foi lançada como livro em 1980: “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados”. Trata-se da continuação da pesquisa anterior, porém o problema de pesquisa deixa de se centrar nos meios de informação para refletir na audiência prioritária. O livro apresenta dois capítulos de revisão de literatura e apresentação de percepções “teóricas”: “Civilização e Comunicação” e “O Sistema da Comunicação”. Na sequência, três capítulos objetivam apresentar a audiência da folkcomunicação e traz as concepções de: 1) Os grupos rurais marginalizados; 2) Os grupos urbanos marginalizados; 3) Os grupos culturalmente marginalizados.

Embora não haja exposição dos processos e procedimentos metodológicos, nota-se que Beltrão (1980) parte de modos de observação diferentes da pesquisa anteriormente apresentada. O tempo de longa duração e a história dos meios, cede lugar à materialidade atual, o contemporâneo, ainda que seja dotado de uma tradição. O direcionamento é que a Folkcomunicação não objetiva entender os “restos”, mas sim os “rastros”, aqui nos valendo da concepção de Williams (1979), teórico provavelmente desconhecido por Beltrão, mas que apresenta conceitos cuja finalidade aparentemente foi a escolhida como prisma de análise da cultura/comunicação. Não é o que foi e não existe mais, mas sim o que prevalece com sentido comunicacional.

As categorias de análises partem da identificação dos grupos, dos meios de expressão e das grandes oportunidades de comunicação. Ambos estudos almejam caracterização como obra de síntese de formas de exercício da folkcomunicação, ainda que haja, como necessário, a eleição de exemplos que possam ser singulares, axiais de

cada grupo marginalizado. O corpus foi composto por vários estudos de casos de cunho científico realizado por outrem e pelo próprio LB e teve como lócus a região do Distrito Federal, dado a intenção de amplificar as exemplificações focando no que foi dito em metalinguagem na qual, expõem o autor (1983a, p. 75) com apoio da linguística “as maneiras de expressar-se, como os tropos [...], os recursos de construção [...] e as figuras de pensamento [...] devem ser rigorosamente examinados como partes importantes na decodificação do discurso como um todo”.

A necessidade de articular os sistemas de comunicação

Por fim, tem-se a esquematização de quatro estudos que versam a identificação dos usuários dos sistemas de Comunicação Social e Folkcomunicação, sendo eles: 1) A Comunicação da Fé; 2) A comunicação da Esperança; 3) A Comunicação do Amor; 4) Tempo e Cultura Popular. Tal indicação aparece listada em apresentação que LB realizou no V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no Intercom 1982.

Ainda que não se saiba os rumos das pesquisas realizadas com estudantes de graduação, possivelmente uma das primeiras pesquisas de Iniciação Científica em Comunicação, os sumários apresentados nos permitem indicar uma série de evidências de percepção metódica do objeto empírico. A pesquisa estava articulada com as atividades de ensino (algo ainda pouco comum na área), o professor assim apresenta:

Ademais de pesquisas de que participam os nossos alunos de graduação, do CEUB, nas disciplinas Teoria da Comunicação, Teoria da Opinião Pública em por último, em Sistemas de Comunicação no Brasil, algumas das quais, como as relativas à Festa do Divino e aos grafites, inseridos no nosso Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados (SP, Cortez, 1980), foi no segundo semestre letivo daquele ano que, como regente daquelas disciplinas, com a colaboração dos nossos assistentes, profs. Newton de Oliveira Quirino, Afonso Ligório Pires de Carvalho e, agora, da Prof. Telma Regina Astolfi, conseguimos ordenar as investigações, voltadas para a identificação das relações, do pensamento e da ação dos usuários dos sistemas de Comunicação Social e Folkcomunicação no que tange à sua religiosidade e misticismo (A Comunicação da Fé), ao seu fatalismo e aspirações à melhoria de vida (A Comunicação da Esperança), aos seus sentimentos de solidariedade, dedicação, humanismo e paixão (A Comunicação do Amor) e à sua noção de Tempo (BELTRÃO, 1983b, p. 189).

A pesquisa intitulada “Tempo e Cultura Popular” aborda as diversas formas de contagem do tempo e os respectivos suportes que são idealizados. Embora a

amostragem documental tenha se direcionado pela coleta de sistemas de temporalidade linear, a pesquisa sinaliza a percepção do cotidiano, das diversas formas de viver o tempo, tanto em aspectos individuais como coletivos. Trata-se de uma visão fenomenológica focada nas diversas formas de usar e perceber o tempo como elemento da vida.

“A Comunicação da Fé” foi sistematizada em nove partes: 1) Sobrenatural e Representação; 2) O profano e o religioso; 3) um sistema dos objetos; 4) Religiosidade, sincretismo e comunicação; 5) O resgate simbólico; 6) Folhetos e volantes, um discurso gráfico-religioso; 7) Mito, simbolismo e arte (cordéis e carrancas); 8) A Fé através dos meios eletrônicos; 9) Conclusão.

Nesta pesquisa percebemos o uso da semiologia, ou como prefere Beltrão “o discurso do folclore”, articulando os diversos tipos de conhecimento. Ademais se observa a preocupação do entendimento entre o que manifestado via folk media (folhetos, cordéis, carrancas) e a retratação no que passou a ser denominado de folkmídia (LUYTEN, 2006). Neste âmbito LB aponta dois estudos de casos oriundos do desdobramento dessa pesquisa, o culto popular a Ana Lídia, menina de 7 anos que foi sequestrada, seviciada e morta em 1973, por filhos de políticos, sendo “beatificada” pela memória popular. Outra indicação é a Casa da Bênção, seita neopentecostal fundada pelo pastor missionário Daniel de Oliveira, responsável por realizar curas miraculosas. Ambos os objetos continuam em evidência na atualidade.

O terceiro trabalho trata-se de uma investigação e análise a respeito da Esperança centralizando na apreciação dos *mass media* junto à propagação da temática. A pesquisa foi apresentada em cinco etapas: 1) A esperança na literatura; 2) A esperança na televisão; 3) A esperança no rádio; 4) A esperança no disco; 5) A esperança no cinema. Trata-se de um estudo fenomenológico e direcionado para a folkmídia, na vertente da incorporação de elementos da cultura popular na cultura de massa, uma das “novas abrangências” denominadas por Benjamin (2000).

Por fim, tem-se “A Comunicação do amor”, também voltado para o tratamento tanto dos meios de folkcomunicação (folk media) como nos meios de comunicação de massa incorporando elemento da cultura popular (folkmídia). Assim, têm-se: 1) Amor e vida social; 2) Amor e Oralidade; 3) Amor e comunicação gráfica; 4) Amor e comunicação audiovisual massiva; 5) Amor e mensagem artística. Neste outro estudo de natureza fenomenológica observa-se um tratamento holístico da comunicação como

modo integrado de vida, não se restringindo aos veículos de transmissão de informações.

Antes de encerrar a conferência, LB informa sobre a busca pelos líderes de opinião na cidade-satélite Ceilândia, com o intuito de construção de um núcleo de estudos e documentação da memória. Neste ponto é de notar que Osvaldo Trigueiro (1983) já relatava a pesquisa e documentação da cultura popular no âmbito da UFPB. No âmbito da Rede Folkcom, consonante com as novas dinâmicas sociais, se percebe a passagem do líder de opinião para o ativista midiático, como foi demonstrado por Trigueiro (2008).

Nesses estudos se percebe a indicação da folkmídia, ou seja, o cenário dos usuários da folkcomunicação não estão dissociados do cenário da midiatização como nova forma de vida, como aponta Sodré (2014). As propostas se valem da técnica de estudos de caso, com uso dos veículos de comunica o que fazem presentes em dada comunidade. A busca por líderes de opinião em Ceilândia também   outro indicativo da centralidade local das pesquisas em Folkcomunica o. Do ponto de vista metódico, esta no o foi atualizada por Trigueiro na vertente que não há emissores passivos no processo de comunica o, o que os distingue   o ativismo.

Considera es Finais

Ao estudar as pesquisas de LB em três momentos (2001, 1980, 1983b) percebemos recorrências de opera es metodológicas que preliminarmente sintetizamos na existência de oito elementos de cunho metódicos que devem ser considerados. Assim, as li es de LB para a pesquisa em Comunica o, frente às culturas populares e ancestralidade, ou seja, a forma como as pesquisas em Folkcomunica o devem ser construídas, são: 1) a percep o da dinâmica do folclore; 2) a marginalidade social e/ou cultural da audiência; 3) a comunica o horizontal e artesanal de natureza contra-hegemônica; 4) a participa o liderança ativista local/grupal; 5) coexistência entre o sistema da folkcomunica o com o da comunica o social, embora com destina es distintas, ou seja, a articula o entre a folk media e a folkmídia; 6) as formas articuladas de conhecimento na episteme comunicacional; 7) o sentido de território, a natureza empírica e o comum; 8) a sensibilidade do meio e os múltiplos sentidos do discurso.

Os três primeiros itens foram refletidos no texto anterior (FERNANDES; WOITOWICZ, 2022) e são balizas teóricas importantes para o direcionamento do olhar

do pesquisador frente ao objeto de estudo. O item seguinte adquiriu adeptos a partir das pesquisas de Trigueiro (2008) e deve-se observar a necessidade de utilização de métodos oriundos da Antropologia, como a etnografia, pesquisa participante e pesquisa ação, como da História, no âmbito da história oral, combinando as técnicas de história de vida e história de vida cultural.

O ponto seguinte nos permite valorizar os sistemas produzidos a partir dos grupos marginalizados e a forma como eles adquirem importância na contemporaneidade apesar do acesso aos veículos ortodoxos, reconfigurados em comunicação comunitária, alternativa e popular, não adquirirem mais as características de “exclusividade” como no auge na indústria cultural brasileira. Tal fato mostra que os sentidos do popular, massivo e erudito estão igualmente articulados.

No ponto seguinte – as formas articuladas de conhecimento na episteme comunicacional – se faz necessário uma articulação com outros dois nordestinos que influenciaram LB. Percebemos aqui a inserção da extensão rural, necessidade de valorização do conhecimento popular frente ao científico, pensamento caro às reflexões de Freire (2006) e a proposta da comunicação como extensão. Cascudo (1971) ao publicar “Tradição: Ciência do Povo”, na prestigiada coleção Debates da editora Perspectiva, alimenta a necessidade de valorização do conhecimento popular no âmbito do cotidiano e da memória coletiva e dos saberes populares, seja em referência aos fenômenos naturais, como também a questões culturais, religiosas e filosóficas.

A noção do território e suas características singulares e únicas que ditam o sentido do cotidiano, e logo, da forma de exercício da comunicação cultural, é central para se penetrar na pesquisa empírica de cunho folkcomunicacional. Tal preocupação foi foco de uma palestra no II Congresso da UCBC em 1974. Beltrão (1976) aponta para a região enquanto laboratório para o estudo da comunicação popular em virtude de suas peculiaridades geográficas e antropossociológicas que geram sentidos de participação pela comunicação com a identificação de seus meios e líderes. Martins (2013), além de atualizar a proposta de comunicação popular e região no Brasil segundo LB, realiza uma demarcação dos estudos de Milton Santos como necessários para conceituar o território nas pesquisas em Folkcomunicação.

A última lição metódica também fora refletida em evento acadêmico nos anos 1970. Durante o II Encontro Cultural de Laranjeiras em 1977, LB proferiu a palestra “O folclore como discurso” trazendo referências latino-americanas sobre a dinâmica do

folclore (na acepção de Cortázar³) articulada à semiologia francesa (Saussure, Guiraud, Barthes) e à semiótica de Pierce. Como conclusão: “O discurso folclórico, em toda a sua complexidade, não abrange apenas a palavra, mas também meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos que, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais, graças à dinâmica da Folkcomunicação” (BELTRÃO, 2013, p. 515), sendo fenômeno folclórico parte de um conjunto (e não uma manifestação isolada), autônomo e suficiente em si. Neste ponto, a acepção de sentido comunicacional sofre variação proporcional ao conhecimento do território em que a manifestação está inserida, bem como a sensibilidade específica da mídia/meio utilizada/o como forma de provocar uma comunicação de fatos e expressão de ideias.

Ao conjunto destes dois últimos movimentos, trouxemos o conceito de práxis folkcomunicacional como forma de articular um posicionamento da natureza contra-hegemônica – aqui nos valendo da acepção conceitual gramsciana – a uma prática com sentido comunicacional.

A pesquisa em Folkcomunicação possui uma amplitude de objetos empíricos tratados com múltiplos olhares epistêmicos e teóricos. No entanto, em termos metodológicos ao definir o que é ou não observável pela teoria da folkcomunicação, nos parece que a ciência destes elementos, aqui percebidos como Lições de Luiz Beltrão, são condições primeiras e formam o *modus operandi* da genuína pesquisa folkcomunicacional.

Referências

AMPHILO, M. I. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da Folkcomunicação**. 2010. 733f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

ARAGÃO, I. P. **Elos teórico-metodológicos da Folkcomunicação: retorno às origens (1959-1967)**. 2017. 251f. Tese de doutorado (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

BARBOSA, M. **Comunicação e Método: cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BELTRÃO, L. Comunicação popular e região no Brasil. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). **Comunicação/Incomunicação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1976. p. 37-47.

3 Beltrão utiliza o livro *Esquema del folklore*, de 1959.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, L. A pesquisa em folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas**. São Paulo: Cortez; Intercom; CNPq, 1983a. p. 70-76.

BELTRÃO, L. O interesse pela folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas**. São Paulo: Cortez; Intercom; CNPq, 1983b. p. 189-194.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, L. O folclore como discurso. In: MARQUES DE MELO, J.; FERNANDES, G. M. (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 511-515.

BENJAMIN, R. (org.). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP, 1998.

BENJAMIN, R. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

CASCUDO, L. C. **Tradição: Ciência do Povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FERNANDES, G. M. Problemas teóricos da Folkcomunicação: exposição de questões. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, FOLKCOM, XVIII. Recife, UFRPE/Facipe. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2017.

FERNANDES, G. M. A Folkcomunicação Enquanto Sistema da Comunicação Cultural: É Possível, Ainda, Pensar Nessa Perspectiva? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42, 2019, Belém. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2019.

FERNANDES, G. M. Teorias da Comunicação – a Folkcomunicação enquanto sistema da comunicação cultural. In: MAIA, J.; NAKAGAWA, R. (org.). **Comunicação, memória e sensibilidade: visões periféricas**. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2020a. p. 103-127.

FERNANDES, G. M. A Resistência como sentido da Folkcomunicação: em busca de elementos teóricos próprios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43, 2020, Salvador-Virtual. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2020b.

FERNANDES, G. M.. Por uma práxis folkcomunicacional: ideias iniciais. In: SCHMIDT, C.; HOHLFELDT, A.; MERGULHÃO, E. (org.). **A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2022. p. 115-140.

FERNANDES, G. M.; SANTANA, F. A atualidade da pesquisa e do interesse sobre Folkcomunicação. In: DEL BIANCO, N. R.; LOPES, R. S. (org.). **O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas**. São Paulo: Socicom Livros, 2020, p. 237-265.

FERNANDES, G. M.; SANTANA, F. M.; WOITOWICZ, K. J. Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 20, n. 38, 2022. Disponível em <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/753>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FERNANDES, G. M.; WOITOWICZ, K. J. A teoria beltraniana em perspectiva: Trajetória, fundamentos e contribuições atuais da folkcomunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45, 2022, João Pessoa. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação:** formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1994.

LUCENA FILHO, S. A. **A festa Junina em Campina Grande-PB:** uma estratégia de folkmarketing. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.

LUYTEN, J. Folkmídia: uma nova visão de folclore e folkcomunicação. In: SCHMIDT, C. (org.). **Folkcomunicação na arena global:** avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e cultura popular:** história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINO, L. M. S. **Métodos de pesquisa em comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINS, J. Comunicação popular e região no Brasil segundo Luiz Beltrão. In: MARQUES DE MELO, J.; FERNANDES, G. M. (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. p. 405-408.

MARTINS, J. M. D. **Manifestações folkcomunicacionais como propulsoras de empoderamento social no Ponto de Cultura Estrela de Ouro, em Aliança-PE.** 2014. 260f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SANTANA, F.; FERNANDES, G. M. A pesquisa sobre Folkcomunicação na pós-graduação (2000-2020). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44, 2021, Recife. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2021.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, M. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRIGUEIRO, O. M. Pesquisa e documentação da cultura popular na paraíba. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil:** tendências e perspectivas. São Paulo: Cortez; Intercom; CNPq, 1983. p. 296-300.

TRIGUEIRO, O. M. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático.** João Pessoa: UFPB, 2008.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.